



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

editorial

ELAS NÃO PODEM COMER TUDO

Ao entrar-se hoje numa estação dos Correios, descortina-se de imediato que aquele local, para além das actividades para que foi criado, como sejam a venda de estampilhas, o envio e a recepção de telegramas, o aluguer do telefone, a emissão e o recebimento de faxes, desempenha outras funções exactamente como de uma loja ou mercearia se tratasse. Tanto quanto nos demos conta, as últimas mercadorias de que os Correios se apropriaram e começaram a vender foram rolos de fotografias.

À primeira vista parece tratar-se de uma iniciativa que só vem beneficiar os habitantes de certas localidades, quer no que diz respeito aos preços, quer no que diz respeito à comodidade das pessoas que assim evitam ter que deslocar-se à cidade ou a outras terras vizinhas para obter aquilo que a sua zona não tem. Estes dois factores (preços e desnecessidade de deslocações) são reais, mas há o reverso da medalha que se traduz na concorrência com os estabelecimentos que transaccionam essas mesmas mercadorias. Trata-se, aliás, de uma concorrência desleal pois os pequenos comerciantes não podem derimir forças (leia-se preços) com empresas públicas que tem estabelecimentos derramados por todo o território nacional, o que lhes permite grandes quantidades e consequentemente impor os preços.

É incontroverso que o crescimento brutal das grandes superfícies tem desgastado paulatina mas inexoravelmente grande parte de pequenas e médias empresas. Com elas esvai-se igualmente um núcleo populacional que certos serviços têm prestado às comunidades onde se apresenta inserido. Referimo-nos aos pequenos comerciantes, homens e mulheres, disseminados por todo o país, quer nas cidades, quer nas aldeias, que para além dos afazeres inerentes à actividade comercial, desenvolvem toda uma série de acções que vão do papel de confidentes em grandes dramas familiares à de avalistas de todo o tipo de empréstimos, não sendo necessário referir o seu contributo para a criação e manutenção de agremiações ligadas ao desporto, à cultura e ao lazer.

Pois esta classe de logistas está condenada a desaparecer e as grandes superfícies são os seus algozes. Se ao papel dizimatório provocado pelos hiper-mercados se juntar agora o contributo de algumas empresas públicas, praticando uma actividade para que não foram *ab ovo* criadas, a subsistência da referida classe ou grupo social torna-se cada vez mais periclitante.

É imperioso que o Estado, e para mais um Estado socialista, ou pelo menos socializante, examine a nova situação criada. As empresas públicas são necessárias à vida das nações, que o mesmo é dizer à vida dos cidadãos. Bem sabemos que o desejo das respectivas administrações é que elas, as empresas, exercendo uma actividade mercantil, se bastem a si próprias, mesmo quando têm por objectivo supremo uma acção eminentemente social. Bastar-se a si próprio mas não por qualquer preço. Deve subsistir sempre uma preocupação humanista que evite o aniquilamento de uma classe social que à vizinhança, sempre deu provas de solidariedade.

A ESCOLA E OS DESCOBRIMENTOS

Por QUIM DE FÃO

PROJECTOS EDUCATIVOS

A convite da Direcção Regional da Educação do Norte, a Escola Básica Primária n.º 1 de Fão, sediada no Ramalhão, participou num "Forum", no Pavilhão Rosa Mota, Porto, no dia 1 de Abril, pelas 15 horas, apresentando um trabalho original com letra e música de Armando Barbosa, coadjuvado pelo Armando Solinho; coreografia das marchas populares fangeiras. Um cenário e roupas do homem do mar, auxiliado pela mulher peixeira. Eles



A exibição dos "nossos" mítidos



Gente de Fão a apolar os "sesus"

vestiam um traje de pescador - calça preta; camisa de xadrês e boina ou gorro na cabeça; pé descalço e calça arregaçada; tal como outrora, o pescador de Fão empurrava o barco pelo mar dentro. Na mão direita, erguiam um remo encimado por uma caravela estilizada; as meninas "faziam" de peixeiras: saia preta; avental e algibeira; traçado nas costas, um lenço ou "cache-nez", não faltando a gamela, "carregadinha" de peixe do mar de Fão.

Cinco "lanços" de pescadores - 60 alunos -, cinco arcos encimados por uma caravela sobre ondas, onde o azul de Fão predominava - a cor de Fão.

O Homem mais rico da Babilónia

Por MARIA ROSÁLIA

A Babilónia era considerada a cidade mais rica do mundo, seis mil anos atrás, porque os cidadãos daquela cidade, reconheciam o valor do dinheiro. Seguiram os princípios em sua prática de aquisição, guarda e multiplicação de dinheiro.

Este texto é parte de um livro famoso de cunho inspirativo sobre economia e planeamento financeiro.

Vou tentar resumidamente descrever a moral e a lição que é transmitida nessa leitura. Claro que uma grande parte das pessoas está farta de saber que é assim.

Havia certo homem muito rico chamado Arkad. Era conhecido em toda a parte pela sua honradez e pela sua fortuna.

Certos amigos da juventude iam ter com ele e diziam. Você Arkad, tem mais sorte que nós. Tornou-se um dos homens mais ricos da cidade, ao passo que nós continuamos a lutar pela nossa sobrevivência.

E houve época em que éramos iguais. Estudamos com o mesmo mestre, participamos os mesmos jogos. E nem nos estudos, nem nos jogos você sobressaía. Muito menos nos anos seguintes se revelou mais honrado ou trabalhou mais arduamente que nós.

Porquê então um mero acaso de sorte, escolheu você para ter tantas coisas na vida, ignorando outros como nós igualmente merecedores?

Neste ponto Arkad protestou dizendo:

– Alto lá: se vocês não conseguiram mais do que uma mera sobrevivência desde quando eram jovens, é porque vocês ou não aprenderam as leis que controlam a formação da riqueza, ou não as seguem fielmente.

– O “Mero Acaso” é uma deusa nefasta que não faz bem a ninguém. Pelo contrário; ela leva à ruína quase todos que recebem dádivas pelas quais não tiveram que trabalhar. Ela os transforma em perdulários, que logo desperdiçam tudo que receberam, restando-lhes no final, vontades e desejos intoleráveis que não podem mais satisfazer.

– Os amigos admitiram que suas palavras se aplicaram perfeitamente aos homens que conheciam e que haviam herdado fortunas.

– Pediram então que ele explicasse como se havia apossado de tantos bens.

Arkad então narrou a sua história.

Quando era jovem olhei à minha volta e observei que existia o que podia trazer a felicidade e o contentamento.

Compreendi ainda que a riqueza aumentava a intensidade dessas coisas. Assim ao me dar conta de tudo isto, decidi não me contentar com o quinhão dos pobres. Ao contrário, queria me tornar um conviva nas coisas agradáveis da vida.

Quanto ao estudo, nosso sábio mestre nos ensinou que o conhecimento é de dois tipos: o primeiro consiste no que aprendemos e que sabemos. O outro trata do treinamento que nos ensina a procurar aquilo que não sabemos.

Foi assim que decidi descobrir como se pode construir uma fortuna e depois de descobri-lo, fazer disso uma tarefa, e fazê-la bem.

Empreguei-me como escrivão num cartório de registos, trabalhava longamente todo o dia fazendo serões, etc. No entanto pouco podia mostrar como meus rendimentos.

Certo dia porém, veio à perfeitura um senhor riquíssimo que me encomendou uma cópia de uma certa lei dizendo-me: preciso disto para amanhã. Se o fizer neste espaço de tempo dar-lhe-ei duas moedas de ouro.

Então Arkad disse ao cliente: Você é um homem muito rico; eu passarei toda a noite a trabalhar e ao raiar da aurora sua cópia estará pronta, desde que me diga como posso fazer também, para me tornar num homem rico.

Ele sorriu e disse você é um abelhudo, mas aceito o acordo.

Passei toda a noite a trabalhar; as costas doíam-me, os meus olhos não podiam mais enxugar. Mas quando ele voltou ao amanhecer, o trabalho estava pronto.

– Agora – disse eu – conte-me o que prometeu.

– De acordo: Você cumpriu a sua parte. Agora eu cumpro a minha.

Quando a juventude procura os mais velhos em busca de conselhos, recebe a sabedoria adquirida através dos anos. Mas é frequente os jovens pensarem que os idosos só dispõem conhecimentos do passado. Com isso perdem a oportunidade de aprender. Lembre-se sempre que o sol que brilha hoje é o mesmo que brilhou para seu pai quando ele nasceu e que vai brilhar para seu neto.

Os pensamentos da juventude são luzes brilhantes como meteoros iluminando o céu. Mas a sabedoria dos mais velhos é como estrelas fixas cujo brilho perene guia os marinheiros em suas rotas.

Lembre-se bem das minhas palavras, pois se não o fizer, nunca entenderá a verdade que lhe vou dizer e achará que gastou toda a sua noite de trabalho em vão.

Olhou para mim e disse num tom baixo, porém vigoroso.

Encontrei o caminho para obter riquezas, quando decidi que poderia guardar uma parte de tudo que eu ganhava.

É só isso? perguntei.

Só isso foi suficiente para transformar um homem pobre, num homem que vive de emprestar dinheiro – respondeu ele.

Mas eu posso guardar tudo que ganho, não?

Nada disso – interveio ele. Então não tem de pagar o que veste e o que calça?

Não paga pelas coisas que come e bebe?

Você tem de pagar a todos. Só que não está pagando a você.

Se você guardasse um décimo daquilo que ganha, quanto teria acumulado em dez anos?

Tanto quanto ganho num ano respondi.

Isto é apenas meia verdade – retrucou ele – cada moeda de ouro que você guardar vai render outra de prata, que é filha da primeira e que por sua vez também lhe vai trazer lucro.

Você pode pensar que o que lhe ensino não vale a sua longa noite de trabalho continuou – mas quando entender realmente toda a verdade do que ora lhe digo, vai ver que lhe estou pagando mil vezes mais do que devia.

Uma parte de tudo que você ganhar, pode guardar. Não deve ser menos que um décimo. E pode ser muito mais que um décimo se você puder dispôr. Primeiro pague a você mesmo. Não faça

comprar em valor superior ao que você pode pagar com o restante do seu salário.

A riqueza é como uma árvore, cresce a partir de uma semente minúscula.

A primeira moeda que você economiza é a semente a partir da qual crescerá a sua árvore. Plante-a rápido e a árvore surgirá ligeira. E quanto mais for adubando e regando a sua planta com economias sucessivas, mais cedo se acomodará a sua sombra.

E assim dizendo apanhou os seus escritos e se afastou.

Pensei muito no que ele me disse e seus conselhos me pareceram inteligentes.

Decidi então pô-los em prática.

Por incrível que pareça, não fiquei mais necessitado de dinheiro do que já era anteriormente. Notei pouca diferença ao tentar o mesmo estilo de vida, sem usar o dinheiro economizado.

Passado um ano voltou o velho senhor a minha casa e perguntou. Filho você pagou a si mesmo uma quantia não inferior a um décimo?

Respondi orgulhoso. Sim mestre, foi o que fiz.

Muito bem disse ele – e o que foi feito dessas economias?

Emprestei-as ao fabricante de bronze que a cada 4 meses me paga dividendos.

E o que faz você, com esses dividendos?

Faço uma festa com muitos bolos e bebidas finas.

Tolo, respondeu ele: Você come os filhotes das suas economias. Como pode esperar que trabalhem para você? Arrume primeiro um batalhão de escravos dourados (moedas) para depois gozar de um fino banquete sem remorsos.

E partiu mais uma vez.

Não vi sinal dele nos 2 anos seguintes, após os quais disse assim que me viu. Arkad, conseguiu a riqueza que tanto sonhava?

– Ainda não tenho tudo que desejava – respondi – mas já tenho algo que rende e cujos rendimentos também já começam a render!

Arkad! Continuou ele, você aprendeu bem a lição. Primeiro viu que é preciso viver com menos do que se ganha. Em seguida aprendeu a procurar os conselhos dos que são competentes pela sua própria experiência. E finalmente descobriu como fazer trabalhar o dinheiro, como guardá-lo e como usá-lo e desta forma você tem competência suficiente para assumir um cargo de responsabilidade.

Estou velho: Meus negócios são muitos. Se você quiser colaborar comigo fá-lo-ei meu sócio.

Ao terminar a sua história um dos amigos disse a Arkad: Você teve sorte.

Eu tive sorte apenas no facto de nutrir o desejo de prosperar. A oportunidade é uma deusa altiva que não perde tempo com os despreparados.

A riqueza floresce onde quer que o homem dispenda energia, retrucou. Se um homem rico constrói para si um palácio, significa que o seu dinheiro se evaporou? Não; o vendedor de tijolos recebeu parte dele, bem como os fabricantes e operários, o trabalhador e o engenheiro, etc., etc. E quando terminou não vale o palácio aquilo que custou? O terreno ao lado não subiu de valor? A riqueza cresce de maneira. Não há homem que possa prever os limites do crescimento.

Se todos seguissem o conselho e os ensinamentos dos protagonistas desta história e dissessem a si mesmos: uma parte do que ganho eu posso sempre guardar!...

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

Situação do IVA do Município com normalidade Conta de gerência/97 em aprovação

Na reunião mensal entre o presidente da Câmara e a comunicação social do Concelho foram esclarecidas algumas situações levantadas pela oposição e decorrente da denúncia de suposta ilegalidade no IVA.

Em 2 de Abril, como tem sido hábito, o presidente da Câmara Municipal, Alberto Figueiredo, abordou três temas de interesse Municipal, entre os quais o IVA denunciado publicamente pelo Vereador do CDS/PP como ilegalidade. De acordo com a informação prestada pelo presidente do Executivo e usando as opiniões dos Técnicos que verificaram as contas, trata-se de caso ridículo e de interesse irrisório pois, afinal, o Estado deve devolver ao Município 106 mil contos de IVA que, desde 1994 foram entregues 630.997 contos, mas o Estado tem a devolver à autarquia 763.843 contos.

A situação exposta e segundo os documentos facultados, deve-se à falta de resposta a consultas solicitadas ao SIVA em Janeiro de 1996, de que resultou a acumulação deste imposto desde 1994 até ao primeiro trimestre de 1998. Aliás, a Câmara Municipal entendia o seu enquadramento no n.º 2 do art.º 2 do Código IVA razão que levou a suspender a sua liquidação.

Considerando o exposto, o presidente da Câmara Municipal esclareceu que a denúncia do vereador do CDS/PP é estranha e pelo facto de ter uma actuação de Director de Finanças e não, como munícipe e de vereador eleito para a Autarquia, onde segundo declaração de Alberto Figueiredo, tem assumido posturas negativas em relação ao concelho de Esposende, criando-se clima e ambiente de conflito permanente sem resultados para o concelho, nem colabora para a resolução dos problemas do Município. E, neste caso, pontifica a maioria dado que a situação política vigente assim o permite, pois vive-se em regime democrático e Estado de Direito democrático.

Conta de gerência

Sobre os resultados da gerência de 1997 e de acordo com o mapa do movimento financeiro, a conta atingiu os 2, 249 milhões de contos com execução física de 91% do previsto, passa a 98% pelo facto dos fundos comunitários chegarem ao Município com acentuado atraso na transferência. Todavia, o mapa da receita e da despesa é claro quanto à gestão financeira pois, as despesas correntes foram de 860 mil contos e as de capital atingiram os 1.389 contos.

As dívidas, por efeito de empréstimo a médio e longo prazo, com juro bonificado é, presentemente, de 208 mil contos, pois não há interesse em obter resultados com saldo positivo.

O relatório facultado à informação esclarece o movimento financeiro de acordo com as rubricas em Plano e decorreram com normalidades. Por isso, "com estes valores poderemos dizer... que os objectivos do Plano de Actividades foram conseguidos".

Na próxima Assembleia Municipal, em princípio, a realizar em 20 de Abril, os documentos serão postos à discussão e votação.

Acordo de Cooperação entre Esposende e S. Domingos (Cabo Verde)

Campanha de Natal das crianças

Da visita efectuada S. Domingos (Cabo Verde) entre 11 e 18 de Março findo, de uma Delegação do Município de Esposende resultou na assinatura do protocolo de geminação e a Vila de S. Domingos a fim de se chegar à geminação. "Daí resultou,

igualmente, "a promoção de trocas culturais, sociais, educativas ou de outras entre as populações dos dois Municípios".

Salienta-se, ainda, o propósito de se constituir uma comissão coordenada por membro da Câmara Municipal de Esposende e constituída por representantes dos partidos da Assembleia Municipal "para angariar apoios destinados à população de S. Domingos".

O presidente da Câmara Municipal recordou que S. Domingos é um concelho de cerca de 14 mil habitantes, muito carenciado, onde faltam bens essenciais de apoio à cultura e ao desenvolvimento social e económico. Por isso, anunciou que vão ser feitas diligências a fim de se proporcionar um Natal diferente às crianças com a recolha de brinquedos já usados, equipamentos de apoio ao ensino, intercâmbio de alunos de crianças.

Desde já alertamos os leitores para o acolhimento da iniciativa e a sensibilização para o apoio e participação na angariação de brinquedos, para um bom Natal diferente das crianças de S. Domingos (Cabo Verde).

A Câmara tem em perspectiva o envio de máquinas de fotocópias, entre outro equipamento, livros, entre outros apoios ao ensino.

"O Barbeiro de Sevilha" no Auditório Municipal

A Orquestra do Norte continua a cativar admiradores na música clássica e, também em espectáculos de interesse cultural. Em 19 de Março, Dia do Pai, a ópera "O Barbeiro de Sevilha" foi vedada no auditório Municipal.

O conhecimento e a narrativa da peça teve a feliz originalidade de ser falada em português através do teatro de fantoches que simulou os principais actos dos personagens e permitiu, ainda, boa acessibilidade do enredo tratado. Quando os artistas cantaram as árias correspondentes aos diálogos, sem dúvida, a exibição teve outra e melhor apreciação (sabor).

Segundo a nota fornecida à imprensa, O Projecto Didáctico de Abordagem Orquestral é uma iniciativa inovadora que teve a sua génese nos Concertos Pedagógicos". Por isso, "tomar a música erudita e a ópera acessíveis a grandes massas..." vai motivar e cativar o espectador menos atento ao evoluir da sua cultura musical.

A peça "O Barbeiro de Sevilha" é uma comédia por Rossini em 13 dias, com estreia em Roma a 20 de Fevereiro de 1816, dirigida pelo autor apesar de vítima de acidente no emaranhado das instalações do teatro na data da "premiere".

No século XVIII época das grandes reformas a que a música não ficou indiferente, "com a teatralização laica da ópera séria" em Portugal, tanto D. João V, como D. José, foram grandes cultores da música do seu tempo e a "ópera ao divino", com espectáculos montados na "Capela Real", causaram grande impacto na sociedade.

O auditório, desta vez, teve outro e melhor aspecto, embora com algumas clareiras à espera de teimosos ausentes.

Semana Santa e Visita Pascal

É um hábito, em Esposende, as solenidades da Semana Santa ou Semana maior como acontecimento religioso de relevante interesse na comunidade cristã, que atrai numerosos turistas nacionais e estrangeiros, além de fiéis das freguesias.

Na oportunidade divulgamos algumas características, já centenárias e as alterações provocadas pelo Concílio Vaticano II.

As procissões do Calvário e do Enterro do Senhor, em 1997 com transmissão directa de televisão para as comunidades portuguesas no estrangeiro, são as solenidades complementares às cerimónias religiosas de Quinta e Sexta-feira Santa que decorrem no interior da igreja matriz e, bem assim, os cânticos alusivos e os sermões de interesse eclesial e cristão.

A cerimónia de Aleluia, com a tradição da queima do Judas e o testamento a contemplar os amigos e devotos (este ano com as surpresas das autárquicas) e a Visita Pascal, Sempre oportuna, a participação da Banda de Música de antes (B. V. de Esposende), o Corpo Activo dos Bombeiros e o Grupo Coral orientado pelo prof. António Ribeiro.

O programa não teve a divulgação acostumada, mas o propósito é assinalar o acontecimento, pois anuncia a proximidade das festas de Fão, sob a invocação do Senhor Bom Jesus.

Imprensa Nacional e Regional em debate

No auditório do Museu Municipal de Viana do Castelo, em 28 de Março, por iniciativa do Centro Cultural do Alto Minho e o apoio da Associação de Jornalistas, realizou-se um colóquio/debate sobre algumas das conclusões do Congresso nacional dos Jornalistas.

O tema proposto, nesta sessão, foi sobre as pressões exercidas aos jornalistas e que limitam a sua liberdade e a função informar/formar.

Apresentaram comunicações bons e conhecidos profissionais da informação nacional e regional: Dr. Reis Ribeiro, Dr. Euclides Rios, Mário Pinto, dr. Matos Reis que tocaram nas "feridas" e traçaram uma panorâmica sobre a nobre arte de informar; do negativismo de alguns jornalistas (profissionais e não profissionais); do sensacionalismo petulante e do comodismo das empresas, dos seus interesses comerciais e políticos, para aumentarem as vendas. Outros problemas sérios existem e que afectam a Imprensa Regional, ficaram por abordar.

Foi moderador o prof. Canedo da Escola de Monserrate.

Bombeiros em festa pelos 107 anos entrega de condecorações

Manda a tradição que os Bombeiros Voluntários de Esposende assinalem a data da fundação com actos de relevância.

O Dia de S. José, 19 de Março, é o consagrado da Associação com cerimónias em domingo próximo desta data. Por isso, a alvorada e a formatura geral com o hastear das Bandeiras, mais a entrega de condecorações solenizam o acontecimento.

A missa celebrada na igreja matriz, por Mon. Baptista de Sousa constitui outro ponto alto e, bem assim, a romagem ao cemitério, onde são prestadas honras, com a oração fúnebre aos Bombeiros, dirigentes e beneméritos falecidos.

Nos cumprimentos à autoridade Municipal são hasteadas as bandeiras, seguida da troca de mensagens de boas-vindas e de agradecimento. Este ano, no Salão Nobre do Município, o vereador Dr. João Cepa, em representação da Câmara Municipal e o Eng.º António Ribeiro pela Assembleia Municipal, receberam os Bombeiros, acto que agradeceram.

À noite, realizou-se o jantar de convívio com a presença das autoridades locais, representações de Bombeiros, dos Inspectores da Zona Norte, associados e beneméritos.

Entrega de condecorações

Em sessão solene da manhã, no Salão Nobre da Associação, procedeu-se à imposição de condecorações aos Bombeiros que mais se distinguiram e pela assiduidade ao longo dos anos. Assim, da Liga dos Bombeiros Portugueses, foram entregues medalhas.

Grau Prata: - aos Bombeiros - Pedro Herculano Ferreira, Manuel Pereira de Sousa, Ernesto Manuel Ribeiro, Manuel Peixoto Lima, Francisco José Eiras e Rui Manuel Magalhães;

Grau Ouro: - bombeiros - Adriano Novvo Vareiro e Joaquim Eduardo Zão;

Grau Ouro c/ Palma: - Ajudante Manuel Arlindo Silva Pinto e ao Chefe Virgílio Novo dos Santos.

(Continua na pág. 4)

A ESCOLA E OS DESCOBRIMENTOS

(Continuado da pág. 1)

Cinco músicos mais o Landinho e a sua caixa-tambor que marcava o ritmo; assim “passeou” a sua classe, na “passerelle”, a Escola de Fão, entusiasticamente acompanhada pela “claque”, de apoio, fangueira que nestes eventos escolares diz presente – eram cerca de 120 pessoas, na bancada, batendo palmas e sapateando o ritmo da “marcha”, contagiando o próprio júri que também quis participar da festa, alargando-se os aplausos às outras escolas presentes que acharam a actuação de Fão diferente e original.

Fão é assim! Não deixa os seus créditos por mãos alheias. “Foram fantásticos” – disse um elemento do júri.

Um aplauso para as professoras e todos os colaboradores!

Um aplauso para as professoras que também “vestiram” o “papel” de peixeiras e, ao lado dos seus alunos, tal como eles, deram à perna, cantando e dançando.

– No final, soubemos que recebeu nota alta esta actuação, e “choveram” os convites para outras actuações. Entretanto, a escola Primária - Básica, n.º 1 de Fão poderá vir a ser convidada e premiada com uma actuação na Expo 98, dado que o júri ficou muito receptivo e convencido” com a beleza plástica, coreográfica e música da “nossa” marcha.

– Foram alguns e muito importantes os colaboradores para que o evento se realizasse: pais, encarregados de educação, amigos da escola de Fão contribuíram com muitas horas de trabalho – dia e noite – fazendo as roupas; os arcos; as caravelas; as gamelas; o estandarte. É pena que tenham sido só alguns, porque o balanço da despesa, ronda os quatrocentos contos, sem contar com o autocarro da Câmara que foi gratuito.

QUIM DE FÃO

A MARCHA DE FÃO

I

*Quais cascas de noz vencidas,
Nas ondas perdidas,
Que no mar deixaram...
Eram lindas caravelas
Que do Bojador
À Índia chegaram.
Foram tantos marinheiros
Que foram primeiros
Nos descobrimentos!
História dum Portugal
Que teve um Cabral
Nos grandes momentos!*

Côro

*Se foi este mar,
Com ondulações,
Que deu luz e norte
Às embarcações...
Fão tem pioneiros,
Velhos marinheiros,
E tinha estaleiros
P'rá navegacões.*

II

*“Lustadas”, coisa bela!
Numa caravela
Camões escreveu...
Tristão e Gonçalves Zarco
Andaram de barco:
Madeira nasceu!
Para a Índia vai da Gama
E o Gil Eanes para o Bojador,
Todos eles marinheiros
Que foram primeiros
No Adamastor.*

III

*Barcos que partem p'ra pesca
Qual dia de festa,
D'alma e coração.
Na senhira da Bonança
Têm fé e esperança,
É a devoção.
Mulheres que choram na praia,
Porque o mar zangado
Cresceu, de repente,
Mar bravio, mar salgado,
Que dá no pescado
O sustento à gente.*

Música e letra de ARMANDO B. ROFDRIGUES

ESPOSENDE

(Continuado da pág. 2)

Da Associação – Grau Cobre – Marcelino Vilas Boas e João Manuel Alves;

Gráu Prata: – Fernando Alexandre Ferreira, Manuel Pereira de Sousa, Francisco José Eiras, Rui Manuel Magalhães, Miguel Alexandre Guerra;

Gráu Ouro: – Ajudante médico, José Alberto da Costa e Silva; Bombeiros, Adriano Novo Vareiro, Manuel Sá Eiras e João Pires Cheio.

Recolhas de Sangue no Concelho

A Associação os dadores de Sangue de Esposende continuam a sua cruzada de recolha de sangue por entre as populações do concelho, com o apoio do Instituto Português de Sangue.

Nos próximos dias, a brigada vai às seguintes freguesias:

– Dia 19 de Abril, Fonteboa. Trata-se de freguesia que nas visitas anteriores aliou-se a Rio Tinto não sendo possível separar o número de dadores. Fonteboa tem 1348 habitantes residentes, 381 edifícios e 307 famílias.

A 26 de Abril será a vez de Rio Tinto, freguesia com 720 habitantes residentes e 176 famílias, prevendo-se que será elevada a adesão à campanha da Associação dos Dadores de Sangue.

Belinho terá a visita da Brigada do Instituto Português de Sangue no dia 10 de Maio. Esta freguesia tem correspondido aos apelos lançados pela Associação pois, das anteriores visitas, teve 204 dadores voluntários. A freguesia tem 2.329 habitantes residentes e 486 famílias.

Palestra sobre “A Judiciária em Portugal”

Em 23 de Março findo a Tertúlia de Barcelos levou a efeito uma palestra integrada nas suas actividades culturais.

No Salão de Festas de Lijó, Barcelos, o Dr. António Paulo Santos, antigo elemento da Judiciária, jurista em Lisboa, proferiu uma interessante palestra sob o tema: “A Judiciária em Portugal: Testemunho de uma vivência”.

Durante o convívio que se seguiu, em que se integrou a palestra, cerca de 40 participantes ligados à jurisprudence e quadros de empresas de Comunicação Social nacional e regional, permitiu uma saudável troca de experiências, com solene entrega de lembranças aos convidados.

O efeito e organização do acontecimento pertenceu à tertúlia de Barcelos, onde será difícil distinguir os animadores.

Amândio Caramalho

Como oportunamente anunciámos, encontra-se em Fão o benquisto casal Amândio/Alésia Caramalho.

No dia 21 este nosso jovem amigo comemorou o seu octogésimo aniversário. Houve festa rija lá para as bandas dos Lríos - Casa Né Costa (Glória). e missa na igreja matriz.

Por último uma notícia que nos encheu de satisfação: este casal vai passar a residir definitivamente em Fão, mais concretamente no Lar da terceira Idade. É o que se chama um retorno às raízes.

Franklin Torres

Por falecimento de um seu familiar encontra-se de luto o nosso prezado amigo Franklin Torres, ilustre director da Direcção Geral de Finanças de Viana do Castelo.

O Novo Fangueiro apresenta sentidas condolências.

Quadras soltas

Recebemos do sr. Alberto José Pereira, de Guimarães umas quadras simpáticas dedicadas ao nosso jornal, o que agradecemos.

Temos muito gosto em remeter-lhe O Novo Fangueiro, uma vez que pretende ser assinante.

ASSINATURAS

Pagaram a assinatura os srs.:

Eng. Luís Artur Soares Ferreira, 2000\$00; D. Maria Carolina Magiol Nogueira (Lisboa), 5000\$00; Carlos Maia, 1000\$00; Arlindo Moreira Fernandes Cruz, 1500\$00; Fernando Silva (Brasil), 2000\$00; D. Maria José Borda, 1000\$00; Fernando Alves do Vale, 1000\$00; Manuel Curto, 1000\$00; Luiz Peixoto, 1000\$00; Elvira Cubelo Sobral, 2000\$00; Adolfo José Ferreira Ribeiro, 1500\$00; Fernando Almeida (Porto), 11.000\$00; Francisco Solinho, 1000\$00; Manuel Sá Cruz, 1000\$00; Humberto Didier, 2000\$00; José Pedras, 1000\$00; Domingos Reis, 1000\$00; D. Catarina Assunção Costa, 1000\$00; Reinor de Sá Pereira, 1000\$00; Manuel Sá Pereira, 1000\$00; Prof. Elias Cardoso, 1000\$00; José Madureira, 2000\$00; Paulino Alves, 1000\$00; António Jesus Carlos, 1000\$00; Casa Solinho, 1000\$00; Paulo Ribeiro Branco, 1000\$00; Sérgio Alves Branco, 1000\$00; Manuel da Costa Figueiredo, 1000\$00; José Reis, 2000\$00; Maria Adelaide Cardoso Oliveira 1000\$00; Jaime de Bessa Menezes, 1000\$00; José Miguel Sá Pereira,

1000\$00; José Martins Correia, 1000\$00; António Gomes de Azevedo (Brasil), 1000\$00; Domingos José Lobarinhas Quinta e Costa, 1000\$00; D. Zita Madalena Saraiva Marinho, 1000\$00; Dr. Artur Luís Vinha Novais, 1000\$00; Pedro Graça (França), 1000\$00; Adelino Campos Monteiro, 1000\$00; Alice Torres do Monte, 1000\$00; José de Sá Pereira, 1000\$00; Joaquim Morais da Silva, 1000\$00; Mário dos Santos Ferreira, 1000\$00; Carlos Alberto Sá Pereira S. Ferreira, 1000\$00; Manuel Pires do Monte, 1000\$00; Rufino Torres, 1000\$00; Dr.ª Maria Celeste Sá Pereira Portela, 1000\$00.

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! A Primavera já chegou e agora aí vem a Páscoa. Mais um período escolar findo, mais uma etapa que terminou na vossa caminhada para o fim do curso, para o futuro. Desejamos a todos que passem uma Páscoa em alegria e que as férias sejam a pausa necessária. Ao arranque para o 3.º período!

BOA PÁSCOA!

POEMA SEM TÍTULO

*O mundo vago
Rola nas profundezas
Da minha existência.
Algo de infinitamente leve.
Flutua, passa,
Lentamente,
Numa progressão contínua
Do meu tempo
Que se esvai,
Vazio e sem sentido.
A espontaneidade desapareceu
E deixou para trás
Um ser retraído,
Solitário e triste.
Alguém que não
Sabe quem quer,
Não sabe querer,
Não sabe amar
Nem ser amado.
Alguém que procura
Um momento eterno,
Que persegue algo
Que não existe,
De olhos fixos
No nada,
Contemplando a
Tragédia da vida
Sem saber que
É a sua.
Alguém que se
Encontra a derramar
Lágrimas suaves, calmas,
sem sobressalto,
Sem saber porquê.
Sentindo uma dor
Que julga não ser sua,
Combatendo a sua
sensibilidade.
As suas mãos tremem
Quando o espírito
Se julga calmo.
Há algo de errado...
Algo de muito errado
Que um dia acabará
Por se revelar.*

Marta Mariz Mendes
(19 anos)

NOITE VIVIDA

Horas longas e perdidas
Ruínas de um castelo antigo
Palácio perdido no tempo
Noite escura e petrificada

Lua abandonada
reino da solidão
Muralhas escondidas
Seres parciais

Espaço desesperado
de novo encontrado
Vida dorida
Noite vivida!

Filipa Magalhães
(18 anos)

PAUSA PARA SORRIR

No quartel. Um recruta pede ao seu capitão uma semana de férias para ir à terra ver a sogra, que estava muito doente, quase a morrer.

O oficial diz:

– “Está bem. Vai lá. Mas se a tua sogra não morrer até ao fim da semana que te dei, levavas um castigo que te vais arrepender!”

ADVENTO DA PRIMAVERA

(CONCLUSÃO)

A floresta de St. Germain, como é usual em França, tinha grandes clareiras, prados, cheios de bagas, morangos silvestres, de delicadas flores espontâneas e de arbustos variados formando, aqui e ali, “taillis”, maciços entre as árvores ou a marginá-las.

Sempre que podia escapava-me para a floresta onde deambulava horas a fio, fantasiando mil aventuras. Encarrapitado numa árvore dialogava, assobiando, com os pássaros e espiava os seus movimentos ou de um ou outro esquilo saltando de ramo em ramo.

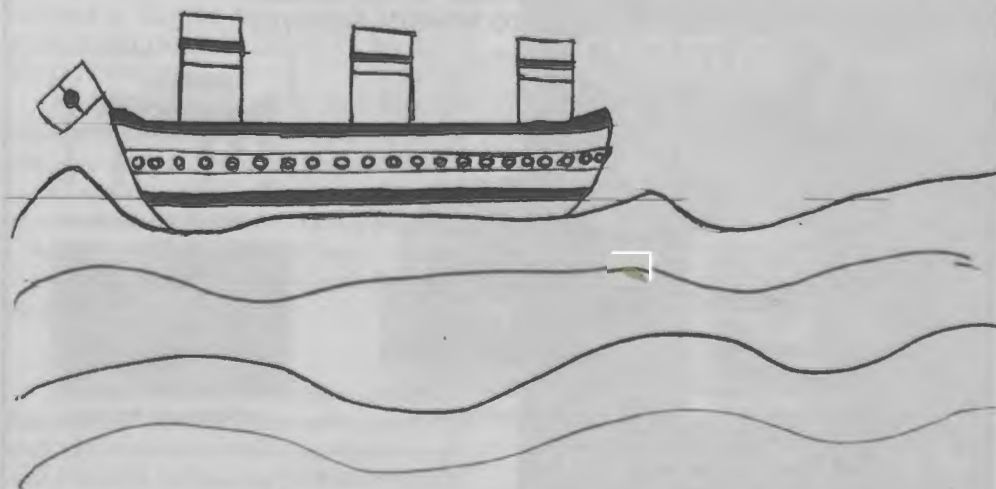
Recordo um dia, em especial. Era o 1.º dia de Abril. O tempo estava de pequenos aguaceiros de Primavera logo entrecortados por abertas. Flores silvestres, botões de ouro, margaridas, muguet e outras liliácias variadas, irrompiam por todos os lados. Não estava frio, mas à medida que vagueava pela floresta, depressa fiquei encharcado dos cabelos até aos pés, mas isso não me incomodava. Corria como um gamo sob a chuva e assim vagueei pela floresta — talvez durante horas? — sentindo-me dissolver, comungar com a própria essência da Primavera, com uma estranha e intensa alegria. Como um pequeno Pan ou fauno, hoje consciencializo, celebrando os ritos antigos, ao som dos acordes do “Sacre du Printemps”.

ANTÓNIO CORTESÃO
in “A Cinco Vozes”

Num hotel. Um casal está de férias e, chegando a uma cidadezinha engraçada, resolve lá ficar a dormir. Porém, ao abrir a cama vê que os lençóis estão enxovalhados. O marido chama o criado e diz:

– “Faz favor manda mudar já estes lençóis, porque não estão lavados!”

– “Essa agora!” – refila o criado. “Tem dormido neles tanta gente e até agora ninguém se queixou!”



Desenho de JOANA SÍLVIA (9 anos)

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

“Antes e depois da peste em Portugal”

Em 1340 tem lugar a batalha do Salado, junto do rio deste nome, tendo de um lado, Afonso XI de Castela, Afonso IV de Portugal e do outro, Abul-Hassan (emir de Marrocos) e Iúçufe Ibne Násser (rei de Granada). Foi ganha pelos Cristãos e o nosso rei com a sua valentia, ficou com o título de “O Bravo”.

Há nesta data a “pragmática” por obra do nosso Rei, que faz publicar leis contra o adultério.

Em 1341, faz-se a navegação de portugueses com genoveses, para as ilhas Canárias. Porém em 1344, o Papa Clemente VI concede-as a Castela.

Em 1345, o rei toma conta da jurisdição do Porto, contra a vontade do seu bispo. O rei reclama junto do papa, do nosso direito sobre as Canárias.

Em 1348, a peste negra chega a Portugal.

Em 1349, são tomadas medidas contra a vadiagem, quando se verifica uma grande falta de mão-de-obra, pelo desaparecimento de parte da população.

Em 1352, o Povo queixa-se nas Cortes, do aumento escorbitante das propriedades da Igreja.

Em 1353, os portugueses são autorizados a pescar nas águas inglesas e bretãs.

Em 1356, volta a peste ao nosso país!

As desvalorizações da moeda foram de 25 a 36%, neste reinado de D. Afonso IV.

A Peste Negra em 1348, foi designada de pestelença e morteidade. A epidemia foi extensiva a todas as classes. Nem os morteiros escapavam. O mal era altamente contagioso.

Atacava nas grandes povoações e nos casais isolados, que ficavam despovoados.

As propriedades ficavam sem caseiros, pelo que os senhorios pediam a obrigação de os herdeiros os substituíssem.

D. Afonso IV legislou nesse sentido em 1349.

Com o aumento da terra disponível diminui o seu preço.

Aumenta a doação de bens à Igreja, com o medo de ser um castigo divino.

Aumentam os terrenos incultos.

Pela lei de 22-5-1349 os testamentos são obrigatoriamente apresentados às autoridades régias.

Nos testamentos os organismos eclesiás-

ticos tinham ascendente sobre a família, o que provocava o descontentamento dos herdeiros.

A peste matou quase um terço da população da Europa, terá entrado em Março-Abril, mas reflecte-se em S. Miguel de Setembro.

Morriam principalmente os adultos.

A peste era transmitida por uma pulga (forma bubónica) e por contágio pulmonar.

Desde 1310 a 1384, houve seis epidemias de peste.

Não admira pois, que Fão estivesse despovoada em 1412, quando foi repovoada.

Oscar Fangeiro

“Provérbios, Adágios e Rifões”

O FERREIRO

Ferreiro que faz farinha, não tem campo nem vinha.

Ferreiro com barba e letras com baba.

O Ferreiro e o seu dinheiro e tudo é negro.

Em casa de Ferreiro, espeto de pau.

Em casa de Ferreiro, o pior afeito.

De Ferreiro a Ferreiro, não passa dinheiro.

A MORTE

Morra marta, morra farta.

Morra o homem, fique a fama.

Morra Sansão e com ele quantos aqui estão.

Morre o boi e a vaca e fica o demo em casa.

Morre quem morre, salta quem pode.

Morre quem tem de morrer

Morrem barbas e ficam cartas.

Morrem os gatos, banqueteiaram-se os ratos.

Morra por morrer, morra o meu pai que é mais velho.

Morrer por ter e sofrer por valer.

Morreu o bicho acabou a peçonha.

Morreu o nosso machão e ainda agora lhe fede o rabo.

Morta é a abelha que dava mel e cera.

Morta minha filha, morto meu genro.

Morte certa, hora incerta.

Morte com honra não desonra.

Morte de rico, desavença de herdeiros.

Morte desejada, vida dobrada.

Morte de lobo, saúde de rebanho.

Morte e casamento desmancham arrendamento.

A morte não poupa o fraco nem o forte.

Morte não venha que ataque não tenha.

Morte que der ventura, essa se sofra.

O morto à cova e o vivo à fogaça.

O morto apodrece e o moço cresce.

Morto o afilhado, desfeito o compadrio.

Morto por morto, antes a velha (ou abelha) que o porco.

Os mortos aos vivos abrem os olhos.

Contra a morte não há remédio.

Para tudo há remédio, menos para a morte.

À morte, o remédio é abrir-lhe a boca.

À morte não há casa forte.

Onde não há morte, não há má sorte.

Mudar costume parelha da morte.

Não há morte sem achaque.

Mal prolongado, morte no cabo.

Quem morte alheia espera, a sua lhe chega.

Longa corda tira, quem por morte alheia suspira.

Nem morte de homem, nem roubo de Igreja.

(Continua na página 8)



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 80 91 018 - 80 63 748 - FAX 86 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597206

ROMARIA DO CORPO SANTO OU DO SENHOR DE FÃO

(Continuado da pág. 12)

Em Fão, antes de 1600 havia a CONFRARIA DO CORPO SANTO, com obrigação de mandar dizer por cada irmão que falecesse sete missas: "uma cantada e seis rezadas com três salmos e três lições sem laudes, pagam-nas a cinquenta reis por cada missa e os herdeiros pagam ao vigário desta igreja uma obra de cinco reis por ela"(4).

O Dr. alberto A. Abreu confundiu esta Confraria com a do Santíssimo (5).

Naturalmente devia existir em Fão a imagem do Corpo Santo ou na Igreja Matriz ou, possivelmente, na Ermida do Bom Jesus.

Esta romaria era, e é ainda hoje, organizada por mordomos ou Comissão de Festas, por isso, as suas contas não constam dos livros da Irmandade. Mas, há registo não só do que rendia no prato, aos pés do senhor, como de algumas despesas que a Mesa fazia durante esta festa.

O livro de contas mais antigo regista em 1729: "Esmolas no Corpo Santo foi iniciado em 1728 (a partir de Julho).

Nas despesas de 1731/32 conta "gastos com os irmãos de fora em agasalho, que trazem esmolas para as festas - 1200 reis". Em anos seguintes há despesas semelhantes envolvendo comida, vinho e dormidas.

Em 1732 as esmolas recolhidas na festa atingiram 8.373 reis. Compare-se com a esmola para rezar uma missa n época, que era de 70 reis!

Até 1842 há registo desta receita em todos os anos, embora em 1814; 1822; 1835; 1837 a 1840 todas as esmoças estejam englobadas numa só verba, o que, certamente, não significa, que não tenha havido a Romaria.

De 1834 a 1874 não existe o Livro das Contas gerais e nas contas seguintes, em geral, não há discriminação detalhada das esmolas. Há, no entanto, um livro denominado "dos Poveiros", que era uma escrita dupla, para fugir ao controlo dos visitantes em certas despesas. Nele há referências a esta festa. Começou em 1800 e vai até 1842. É continuação de outro desaparecido.

Nas contas a primeira referência a "Festas do Senhor de Fão ou Bom Jesus aparecem apenas em 1935, onde consta: "Festa do Senhor Bom Jesus - 358\$50" e na despesa Tamboleiros 20\$00". Nas contas de 1933, na despesa aparece: "Auxílio à Comissão de Festas do senhor Bom Jesus - 40\$00.

A partir de 1946 a receita volta a ser individualizada ora como "Senhor de Fão", ora como "Corpo Santo".

Nas Memórias Paroquiais de 1758(6), com data de 23 de Maio de 1758, dizem o reitor de Fão, Miguel Rodrigues Álvares, o Vigário de Esposende, Manuel Velho da Costa e o Vigário de Gandra, Manuel Vieira da rocha: "A Igreja do Bom Jesus he frequentada continuamente por muitos devotos seus, principalmente em dia da anunciação de Nossa Senhora concorre a ella enumerável povo das freguesias vizinhas e de algumas distantes".

O Padre Chaves(7) refere: "No domingo e segunda-feira de Pascoela, oito dias depois da Páscoa, realizava-se, aqui, a tradicional romaria do Senhor de Fam, com festa de igreja e arraial, aonde afluiam as freguesias dos concelhos limítrofes em clamores de cruz alçada, entoando a ladainha de

todos os santos, saindo da Igreja Matriz para o Bom Jesus. Este religioso costume foi abolido em nossos dias (8). Há três anos transferiram esta festividade para o mês de Setembro, diminuindo a concorrência".

O dia da Anunciação de Nossa Senhora era festejada a 25 de Março. É uma festa anterior ao Concílio de Efeso(431). No Concílio do Toledo trasladaram a festa para 18 de Dezembro, por causa da quaresma. Foi no ano de 656.(9)

Mas esta festa está relacionada com a do Natal, que devia ocorrer nove meses depois, pelo que voltou a ser fixada em 25 de Março. *Se o dia coincide com a Semana Santa é então celebrada na segunda-feira de Pascoela, como sucedeu em 1997.*

O Concílio de Niceia fixou a Páscoa entre 22 de Março e 25 de Abril sendo a Romaria do Corpo Santo a 25 de Março, coincidia, às vezes, com a Semana Santa e, daí, ter sido transferida para domingo e segunda-feira de Pascoela; possivelmente no século XIX.

Note-se que também tinha lugar a 25 de Março a Festa da Senhora do Lago, em Gemeses, que também era uma devoção dos pescadores de Fão.

A devoção à senhora do Lago foi renovada no século XVIII e a festa passou para o primeiro domingo de Agosto para não coincidir com a Festa do Senhor de Fão, que se festeja hoje no domingo e segunda-feira de Pascoela. Parece ter ocorrido a mudança de data em meado do século XVIII(10)-(12).

Em 1910 ocorreu um grave conflito entre a Mesa e o Pároco de Fão e a Mesa resolveu encerrar o Templo do Bom Jesus. No entanto, a 1 de Abril a Mesa decidiu abrir as portas do Templo do Bom Jesus no dia 3 de Abril, para a festa porque "a devoção tradicional dos povos desta freguesia e de muitas léguas em redor, pode sofrer, bem como a fé de milhares de crentes que, em respeitável devoção concorrem em CLAMOR À ROMARIA CHAMADA DO CORPO SANTO...".

A devoção a S. Telmo ou Corpo Santo esmoreceu há muitos anos nestas paragens e transferiu-se para o Senhor Bom Jesus de Fão. Talvez esta apropriação de uma devoção antiga confirme a LENDA DO APARECIMENTO MILAGROSO DO BOM JESUS NA MARGEM SUL DO CÁVADO.

Não restam dúvidas que já em 1701(11) os clamores vinham a Fão em romagem ao Senhor Bom Jesus e não a S. Telmo ou Corpo Santo.

É certo que a festa ao Bom Jesus vem desde, pelo menos, meados do século XVI, mas tinha lugar a 2 e 3 de Maio (Festa de Santa Cruz).

A Romaria do Corpo Santo ou do Senhor de Fão pode ser mais antiga.

NOTAS: (1) Divergem as fontes consultadas (Enciclopédias - Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira e Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira. (2) Mons. Manuel B. de Sousa em "História religiosa da Paróquia de Santa Maria dos anjos de Esposende", pág. 189. (3) Memórias Paroquiais, dr. A. Losa no B.

C. de Esposende n.º 4, pág. 99. (4) Dr. Alberto Antunes de Abreu em "O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão", pág. 241. (5) idem, idem, pág. 120. (6) B. C. de Esposende, Junho de 1984, pág. 68. (7) "Elementos para a História de Fam", pág. 10, do P.e Chaves. (8) Proibidos pelo Arcebispo de Braga. (9) Enciclopédia Verbo e Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. (10) Dr. Alberto A. Abreu em "O Arquivo e as G. da Sta. Casa da Misericórdia de Fão", pág. 116. (11) Capítulo de Visita que transfere a administração da capela do Bom Jesus, do Pároco para o Prelado, representado pelos Oficiais do Bom Jesus. (12) Em 7-5-1758 o Pároco de Gemeses refere 8.ª da Páscoa, portanto Domingo de Pascoela.

OBS.: Em 1552 havia em Esposende o navio de 90 toneladas "Corpo Santo" e em 1690 o navio "N.ª Sr.ª da Franqueira e Corpo Santo". Em Fão, em 1830 existia uma lancha "Corpo Santo", um barco "Bom Jesus" e, com o nome "Bom Jesus e Almas". 3 lanchas, 1 batel, 2 catraias e 2 barcos.

Carlos Mariz

Curso de atendimento comercial

Na Cooperativa cultural de Fão está a decorrer um curso de atendimento comercial. É ministrado por intermédio da Associação Comercial e Industrial de Barcelos. No final será entregue o diploma comprovativo.

Cooperativa Cultural de Fão

No próximo dia 18 de Abril, realiza-se, pelas 18 horas na sede da cooperativa, uma Assembleia Geral (2.ª convocatória) para eleição de novos corpos gerentes.

Se é sócio não falhe. Não podemos deixar morrer aquilo que é útil e prestigiante para a terra.

Em caso de dúvida
nalguma palavra
deste jornal,
dedique-se por uns momentos
a outra leitura.



7ª Edição. Mais completa e actualizada.

ORTO EDITORA

CONVERSANDO

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Estamos na quadra da Páscoa, é uma data em que devemos dar um balanço à nossa vida espiritual.

Muitas vezes somos arrebatados pelas coisas materiais e não deixamos um espaço para pensar naquilo que nem o tempo nem o dinheiro pode apagar ou comprar:

A paz da consciência.

Felizes daqueles, que ao fim do dia adormecem tranquilamente sem o peso de terem cometido erros e também com a certeza de que poderiam ter praticado o bem e não o fizeram.

A indiferença com que se olha à nossa volta, sem ter um gesto amigo perante a forma, a solidão e a doença, é aos olhos de Deus e aos seus ensinamentos e, principalmente, ao seu amor, uma afronta imperdoável.

Ser, na vida, um bom cristão, não é só ir à igreja; não é só festejar o Natal e a Páscoa; ser cristão, é ser solidário com quem tem menos que nós. É considerar todos os ho-

mens, seja qual for a côr e a raça, nossos irmãos.

Estamos num mundo sem controlo, sem paz, e sem segurança.

Por toda a parte acontecem coisas inadmissíveis.

A corrupção, a todos os níveis, o crime organizado, a prostituição, a droga, a imoralidade, etc., etc., andam, dia a dia, ao nosso lado.

Que fazer? Que solução optar?

O refúgio em nós próprios e vestir a capa da indiferença?

Não, não está aí a solução!...

O mundo só ressurgirá deste caos quando a solidariedade e o amor forem senhores absolutos entre os homens.

Quando todas as potencialidades humanas e materiais forem canalizadas para o bem do ser humano.

Quando a ambição do poder não destrua a natureza, quando a força do dinheiro, não comprava as consciências, quando o mal não se sobrepunha ao Bem.

Há no mundo inteiro, uma feroz onda de destruição.

A TV mostra-nos todos os dias, as mais cruéis e horríveis imagens.

Crianças a morrer de fome e de doenças, jovens com as armas na mão, disparando inconscientemente, melhor abandonados nos

caminhos sem que haja uma solução para tanta desgraça.

Se não houver da nossa parte, a força necessária para combater frontalmente este caos, um dia seremos atingidos por ele e nunca viveremos num lugar harmonioso.

Está na mão dos homens destruir ou construir um paraíso na Terra.

No entanto, a humanidade vive numa porfia constante, para alcançar mais dinheiro, poder e ostentação.

Há muita gente que não olha aos meios para conseguir os seus fins e, para tal, não tem tempo para mais nada.

Na vida há sempre tempo para fazer aquilo que o nosso coração deseja.

Há no trabalho, na vizinhança e até na própria família, alguém que precisa dum gesto de ternura, dum conselho ou duma desinteressada amizade.

Nem tudo se resolve com dinheiro, mas quase tudo tem solução, se houver uma vontade forte para ajudar, como cristãos, lembrarmo-nos de Deus e dos outros só em determinadas épocas do ano; Natal e Ressurreição é de todos os dias.

Que esta Páscoa faça lembrar aos homens, a verdadeira solidariedade e que tenham o desejo de olhar para Jesus, como o autor da verdadeira Ressurreição e do amor.

Páscoa feliz para os leitores do jornal "O Novo Fanguero".

“Provérbios, Adágios e Rifões”

(Continuado da página 6)

Ferreiro era uma profissão protegida e importante, com algumas dispensas.

Só podia fazer forja nova, onde não prejudicar nenhum vizinho (ver Leges, p.847).

Faziam relhas de arado, (entregavam-nas

no dia 14/9, de S. Cipriano), armas, arreios, fouces, enxadas e ferraduras.

As armas e as ferraduras eram uma excepção, na ausência do alfageme e do ferrador, respectivamente

Os ferreiros compravam o ferro. Foram besteiros do Couto, nos séc. XIII e XV.

Pertenciam ao grupo dos homens de armas e estavam posicionados nas primeiras profissões, da hierarquia duma localidade do séc. XV.

O ferreiro tinha um fole, lenha e carvão para a forja, e água para arrefecer o metal.

A profissão de ferreiro era executada por vezes, por judeus ou mouros.

A oficina poderia ter à volta de três elementos.

As ajudantes do ferreiro eram por vezes dos mais pobres.

Em algumas povoações, bastava que o ferreiro de aldeia tivesse sempre prontas quinze relhas, e o da vila trinta, para ser dispensado das actividades municipais mais pesadas.

Vulcano foi chamado por Virgílio (na Eneida) “o grão ferreiro” e Camões diz que terá forjado “as armas radiantes” com que foram mortos os gigantes que queriam subir ao céu.

Os romanos realizavam no fim do mês de

Outubro, festas ruidosas, chamadas «chalicas», consagradas a este deus do fogo.

O “baile dos ferreiros” ou das “espadas” ainda era realizado em 1705.

Nas procissões havia um ferreiro que seguia com arco e flecha, ainda no séc. XV.

Em 1734 ainda se representavam nas Procissões.

O seu patrono era S. Jorge, que sucedera a Vulcano.

Com a importação do petróleo acabou o fabrico das candeias de ferro.

O prego de arame substituiu o prego batido.

Situavam-se ao longo das estradas onde se ouviam repicar os malhos nas bigornas, e o fole ateava as chamas.

O ferreiro aparece num quadro do pintor Eduardo Moura.

Os ferreiros tinham de ser fortes.

Havia três tipos de ferro: Maçuco-ferro em brasa; moído-ferro lavrado ou trabalhado; se moludo ou mudo-ferro moído.

Oscar Fanguero

ESPOSENDE
PIZZERIA

Onionway

PIZZERIA

☎ 826 060

RUA IRMÃO S. JOÃO DE DEUS
EDIF. PARAIBO LOTE 60 B
LOJAS 7/8 - ARCOZELO
BARCELOS

— TAKE AWAY

— ENTREGA GRÁTIS AO DOMICÍLIO
APROX. 30 MINUTOS

— BUFFET DE SALADAS

— MASSAS VARIADAS

— LASAGNAS

HORÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO

3ª e 5ª FEIRA
12H às 15H / 19H às 22 30H
SABADO / DOMINGO
12H às 22 30H

**VENHA SENTIR
A NOSSA
DIFERENÇA**

**Se és bairrista
utiliza o banco local**

**Se és bairrista
usa o Correio da terra**

**Se és bairrista
faz as compras em Fão**

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA HIDROPÓNICA CULTURAS SEM SOLO

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)



“Ellen Danica” é uma nova variedade de folhas recortadas como as folhas do carvalho. Quem aprecie plantas raras pode experimentar a *C. discolor*, infelizmente bastante frágil, ou a *C. striata*, que lembra uma vinha virgem em miniatura.

Os cissos (salvo a variedade *C. discolor*) são todos muito resistentes e

adaptam-se tão bem a uma leve sombra como a uma luminosidade abundante. Borrife-os no Inverno, e não se esqueça de lhes limpar o pó.

Estas plantas são muito fáceis de multiplicar por estaca de caules.

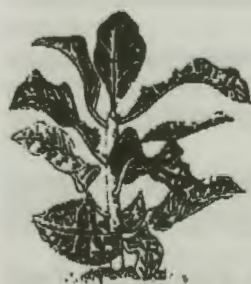
COLEUS (Cóleo). Planta da família das labineças. É um velho favorito, apreciado pela riqueza de coloridos das suas folhas, tão vistosas como flores, e pela sua simplicidade de carácter.

Não conserve as flores à planta; remova-

as assim que aparecerem, e não hesite em podar os ramos para obter uma planta mais farta e arbustiva. A sua duração de vida não é muito longa (cerca de um ano), mas é tão fácil de multiplicar por estaca de caules que é sempre possível tê-la em casa.



CORDYLINE (ver Dracaena).



CRÓTON (ou *Codiaeum*). Planta da família das euforbiáceas. Originário das regiões tropicais, o cróton é um arbusto com folhas de recorte variado, r i c a m e n t e

coloridas de amarel, vermelho ou castanho. Em cultura normal, ressentem-se com frequência de irrigações mal doseadas, mas desenvolvem-se perfeitamente bem em hidrocultura.

Dê-lhe bastante luz, para que mantenha as suas cores vistosas, e no Inverno borrife regularmente as folhas, que são muito sensíveis à secura atmosférica.

Pode multiplicá-lo por estaca de caules ou por mergulhia aérea (alporquia). Para estancar o escoamento do látex, deixe correr água em abundância no local da incisão.

CYPERUS (ou *papyrus*, ou junça). Planta da família das ciperáceas. Bem conhecida de todos os apreciadores de plantas, a junça é facilmente identificável pelas suas longas folhas estreitas e flexíveis, empoleiradas no topo de finos caules bastantes altos (mais de 2m em certas espécies). A variedade mais conhecida é sem dúvida a *C. atenifolia*, de folhas mais largas. A variedade *C. papyrus*, o célebre papiro, que era utilizado no fabrico de papel, possui folhas extremamente delgadas, de um verde muito pálido.

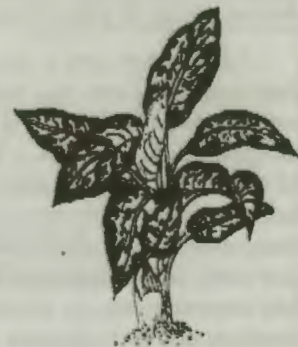


O cípero gosta de viver dentro de água,

mas encontra tudo aquilo de que necessita numa tina hidropónica.

Multiplica-se muito facilmente por estaca de rosetas de folhas, postas a enraizar invertidas, num copo de água. A nova planta desenvolve-se a partir do centro da roseta.

DIEFFENBACHIA. Planta da família das aráceas. A dieffenbachia é apreciada pela beleza das suas folhas, mais ou menos matizadas de branco consoante as variedades, e pelo seu porte de pequena árvore (atinge com frequência mais de 1,50m). Não se preocupe com o facto de o tronco se desnudar na base, perdendo folhas: é normal.



Esta planta gosta do calor e da humidade atmosférica. Borrife as folhas com frequência no Inverno.

Multiplica-se por estaca de segmentos de caules ou de tronco, postos a enraizar dentro da água ou em vermiculite (ou em perlite).*

DRACAENA E CORDYLINE (Dracena e



cordiline). Plantas da família das liláceas. Apresento-as em conjunto pois desenvolvem-se do mesmo modo e têm as mesmas exigências, embora o seu aspecto seja um pouco diferente. A dracena assemelha-se a uma palmeira, e as suas folhas são mais ou menos largas conforme as espécies, e de coloridos diversos. Uma das variedades actualmente mais difundidas é a *D. fragans* “Massangeana”, de folhas largas um pouco moles, matizadas de amarelo no centro. A *D. marginata* “Tricolor” possui folhas estreitas e flexíveis, raiadas de cor-de-rosa e de branco creme.

* Atenção! A saliva das dieffenbachias é tóxica para as mucosas e muito irritante. Vigie as crianças e os animais para que não sejam afectados.

(CONTINUA)

CONVERSANDO

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Estamos na quadra da Páscoa, é uma data em que devemos dar um balanço à nossa vida espiritual.

Muitas vezes somos arrebataados pelas coisas materiais e não deixamos um espaço para pensar naquilo que nem o tempo nem o dinheiro pode apagar ou comprar:

A paz da consciência.

Felizes daqueles, que ao fim do dia adormecem tranquilamente sem o peso de terem cometido erros e também com a certeza de que poderiam ter praticado o bem e não o fizeram..

A indiferença com que se olha à nossa volta, sem ter um gesto amigável perante a forma, a solidão e a doença, é aos olhos de Deus e aos seus ensinamentos e, principalmente. ao seu amor, uma afronta imperdoável.

Ser, na vida, um bom cristão, não é só ir à igreja; não é só festejar o Natal e a Páscoa; ser cristão, é ser solidário com quem tem menos que nós. É considerar todos os ho-

mens, seja qual for a cor e a raça, nossos irmãos.

Estamos num mundo sem controlo, sem paz, e sem segurança.

Por toda a parte acontecem coisas inadmissíveis.

A corrupção, a todos os níveis, o crime organizado, a prostituição, a droga, a imoralidade, etc., etc., andam, dia a dia, ao nosso lado.

Que fazer? Que solução optar?

O refúgio em nós próprios e vestir a capa da indiferença?

Não, não está aí a solução!...

O mundo só ressurgirá deste caos quando a solidariedade e o amor forem senhores absolutos entre os homens.

Quando todas as potencialidades humanas e materiais forem canalizadas para o bem do ser humano.

Quando a ambição do poder não destrua a natureza, quando a força do dinheiro, não comprava as consciências, quando o mal não se sobrepunha ao Bem.

Há no mundo inteiro, uma feroz onda de destruição.

A TV mostra-nos todos os dias, as mais cruéis e horríveis imagens.

Crianças a morrer de fome e de doenças, jovens com as armas na mão, disparando inconscientemente, melhor abandonados nos

caminhos sem que haja uma solução para tanta desgraça.

Se não houver da nossa parte, a força necessária para combater frontalmente este caos, um dia seremos atingidos por ele e nunca viveremos num lugar harmonioso.

Está na mão dos homens destruir ou construir um paraíso na Terra.

No entanto, a humanidade vive numa porfia constante, para alcançar mais dinheiro, poder e ostentação.

Há muita gente que não olha aos meios para conseguir os seus fins e, para tal, não tem tempo para mais nada.

Na vida há sempre tempo para fazer aquilo que o nosso coração deseja.

Há no trabalho, na vizinhança e até na própria família, alguém que precisa dum gesto de ternura, dum conselho ou duma desinteressada amizade.

Nem tudo se resolve com dinheiro, mas quase tudo tem solução, se houver uma vontade forte para ajudar, como cristãos, lembrarmos-nos de Deus e dos outros só em determinadas épocas do ano; Natal e Ressurreição é de todos os dias.

Que esta Páscoa faça lembrar aos homens, a verdadeira solidariedade e que tenham o desejo de olhar para Jesus, como o autor da verdadeira Ressurreição e do amor.

Páscoa feliz para os leitores do jornal "O Novo Fanguero".

“Provérbios, Adágios e Rifões”

(Continuado da página 6)

Ferreiro era uma profissão protegida e importante, com algumas dispensas.

Só podia fazer forja nova, onde não prejudicar nenhum vizinho (ver Leges, p.847).

Faziam relhas de arado, (entregavam-nas

no dia 14/9, de S. Cipriano), armas, arreios, fources, enxadas e ferraduras.

As armas e as ferraduras eram uma excepção, na ausência do alfageme e do ferrador, respectivamente

Os ferreiros compravam o ferro. Foram besteiros do Couto, nos séc. XIII e XV.

Pertenciam ao grupo dos homens de armas e estavam posicionados nas primeiras profissões, da hierarquia duma localidade do séc. XV.

O ferreiro tinha um fole, lenha e carvão para a forja, e água para arrefecer o metal.

A profissão de ferreiro era executada por vezes, por judeus ou mouros.

A oficina poderia ter à volta de três elementos.

As ajudantes do ferreiro eram por vezes dos mais pobres.

Em algumas povoações, bastava que o ferreiro de aldeia tivesse sempre prontas quinze relhas, e o da vila trinta, para ser dispensado das actividades municipais mais pesadas.

Vulcano foi chamado por Virgílio (na Eneida) “o grão ferreiro” e Camões diz que terá forjado “as armas radiantes” com que foram mortos os gigantes que queriam subir ao céu.

Os romanos realizavam no fim do mês de

Outubro, festas ruidosas, chamadas «chalicas», consagradas a este deus do fogo.

O “baile dos ferreiros” ou das “espadas” ainda era realizado em 1705.

Nas procissões havia um ferreiro que seguia com arco e flecha, ainda no séc. XV.

Em 1734 ainda se representavam nas Procissões.

O seu patrono era S. Jorge, que sucedera a Vulcano.

Com a importação do petróleo acabou o fabrico das candeias de ferro.

O prego de arame substituiu o prego batido.

Situavam-se ao longo das estradas onde se ouviam repicar os malhos nas bigornas, e o fole ateava as chamas.

O ferreiro aparece num quadro do pintor Eduardo Moura.

Os ferreiros tinham de ser fortes.

Havia três tipos de ferro: Maçuco-ferro em brasa; moído-ferro lavrado ou trabalhado; se moludo ou mudo-ferro moído.

Oscar Fanguero

ESPOSENDE
PIZZERIA

Queijada

PIZZERIA

826 060

RUA IRMÃO S. JOÃO DE DEUS
EDF. PARAISO LOTE 60 B
LOJAS 7/8 - ARGOSELDO
BARCELÓS

— TAKE AWAY

— ENTREGA GRÁTIS AO DOMICÍLIO
APROX. 30 MINUTOS

— BUFFET DE SALADAS

— MASSAS VARIADAS

— LASAGNAS

HORÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO

3ª a 6ª FEIRA
12H às 15H / 19H às 22 30H
SABADO / DOMINGO
12H às 22 30H

VENHA SENTIR
A NOSSA
DIFERENÇA

**Se és bairrista
utiliza o banco local**

**Se és bairrista
usa o Correio da terra**

**Se és bairrista
faz as compras em Fão**

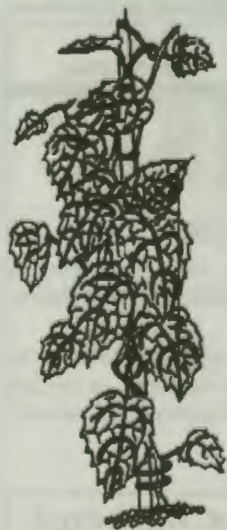
PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA HIDROPÓNICA CULTURAS SEM SOLO

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)



“Ellen Danica” é uma nova variedade de folhas recortadas como as folhas do carvalho. Quem aprecie plantas raras pode experimentar a *C. discolor*, infelizmente bastante frágil, ou a *C. striata*, que lembra uma vinha virgem em miniatura.

Os cissos (salvo a variedade *C. discolor*) são todos muito resistentes e

adaptam-se tão bem a uma leve sombra como a uma luminosidade abundante. Borrife-os no Inverno, e não se esqueça de lhes limpar o pó.

Estas plantas são muito fáceis de multiplicar por estaca de caules.

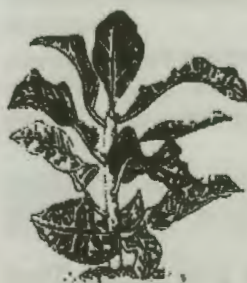
COLEUS (Cóleo). Planta da família das labineças. É um velho favorito, apreciado pela riqueza de coloridos das suas folhas, tão vistosas como flores, e pela sua simplicidade de carácter.

Não conserve as flores à planta; remova-

as assim que aparecerem, e não hesite em podar os ramos para obter uma planta mais farta e arbustiva. A sua duração de vida não é muito longa (cerca de um ano), mas é tão fácil de multiplicar por estaca de caules que é sempre possível tê-la em casa.



CORDYLINE (ver Dracaena).



CRÓTON (ou *Codiaeum*). Planta da família das euforbiáceas. Originário das regiões tropicais, o cróton é um arbusto com folhas de recorte variado, r i c a m e n t e

coloridas de amarel, vermelho ou castanho. Em cultura normal, ressentem-se com frequência de irrigações mal doseadas, mas desenvolvem-se perfeitamente bem em hidrocultura.

Dê-lhe bastante luz, para que mantenha as suas cores vistosas, e no Inverno borrife regularmente as folhas, que são muito sensíveis à secura atmosférica.

Pode multiplicá-lo por estaca de caules ou por mergulhia aérea (alporquia). Para estancar o escoamento do látex, deixe correr água em abundância no local da incisão.

CYPERUS (ou *papyrus*, ou junça). Planta da família das ciperáceas. Bem conhecida de todos os apreciadores de plantas, a junça é facilmente identificável pelas suas longas folhas estreitas e flexíveis, empoleiradas no topo de finos caules bastantes altos (mais de 2m em certas espécies). A variedade mais conhecida é sem dúvida a *C. atenifolia*, de folhas mais largas. A variedade *C. papyrus*, o célebre papiro, que era utilizado no fabrico de papel, possui folhas extremamente delgadas, de um verde muito pálido.

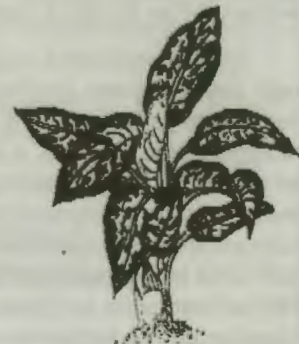
O cípero gosta de viver dentro de água,



mas encontra tudo aquilo de que necessita numa tina hidropónica.

Multiplica-se muito facilmente por estaca de rosetas de folhas, postas a enraizar invertidas, num copo de água. A nova planta desenvolve-se a partir do centro da roseta.

DIEFFENBACHIA. Planta da família das aráceas. A dieffenbachia é apreciada pela beleza das suas folhas, mais ou menos matizadas de branco consoante as variedades, e pelo seu porte de pequena árvore (atinge com frequência mais de 1,50m). Não se preocupe com o facto de o tronco se desnudar na base, perdendo folhas: é normal.



Esta planta gosta do calor e da humidade atmosférica. Borrife as folhas com frequência no Inverno.

Multiplica-se por estaca de segmentos de caules ou de tronco, postos a enraizar dentro da água ou em vermiculite (ou em perlite).*

DRACAENA E CORDYLINE (Dracena e



cordiline). Plantas da família das liláceas. Apresento-as em conjunto pois desenvolvem-se do mesmo modo e têm as mesmas exigências, embora o seu aspecto seja um pouco diferente. A dracena assemelha-se a uma palmeira, e as suas folhas são mais ou menos largas conforme as espécies, e de coloridos diversos. Uma das variedades actualmente mais difundidas é a *D. fragans* “Massangeana”, de folhas largas um pouco moles, matizadas de amarelo no centro. A *D. marginata* “Tricolor” possui folhas estreitas e flexíveis, raiadas de cor-de-rosa e de branco creme.

* Atenção! A saliva das dieffenbachias é tóxica para as mucosas e muito irritante. Vigie as crianças e os animais para que não sejam afectados.

(CONTINUA)

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Campeonato Regional da I Divisão da A. F. Braga.

Últimos resultados:

Viatodos, 2-Fão, 1; Fão, 0-Vimeiro, 0; Amoso, 2-Fão, 2; Fão, 3-Gandra, 5.

Após o jogo com o Apúlia onde o Fão, pela segunda parte que fez, merecia mais sorte neste caso, a vitória já que o empate a um golo soube a derrota, a equipa fangueira só contentou os seus adeptos com outra boa exibição noutra confronto entre vizinhos neste caso perante o 1.º classificado o Gandra, só que desta feita a pouca sorte não esteve na não concretização em golos das excelentes ocasiões que os fangueiros tiveram naquela segunda metade da partida com os apulienses, mas sim na infeliz actuação do seu guarda-redes, mas não só! E assim o entusiasmante jogo ofensivo dos visitados não chegou para privar os visitantes de mais uma vitória num campeonato onde têm sido reis e senhores.

O Clube de Futebol de Fão que até ao jogo com o Apúlia vinha fazendo uma recuperação pontual brilhante aproximando-

se do pelotão da frente, sofreu um revés até ao confronto com o Gandra pois, em quatro jornadas, nos possíveis doze pontos, apenas conquistou três e assim a diferença de um e dois pontos em relação aos quarto e terceiros classificados aumentou para sete e agravou-se com a infeliz derrota frente aos nossos vizinhos na fase crucial da competição. E isto porque há pouco mais de um mês a Associação de Futebol de Braga reuniu em Assembleia Geral Extraordinária com os clubes interessados propondo-lhes a subida dos quatro primeiros classificados na 1.ª Divisão Regional, esta época, para na próxima a Divisão de Honra contar com mais participantes, divisão esta a principal, onde o Clube fangueiro militou e dela desceu na temporada passada.

FÃO, 3 – GANDRA, 5

Equipa de Fão – Miguel Pedras, Alfredo, Carlos Ribeiro, Henrique e Capucho; André Cenoura, Vítor Cardoso e Tiago Cubelo; Pedro Ribeiro e Carioca.

Suplentes utilizados – Hugo, Toni e Mikai. Suplentes não utilizados – Aires e Vítor Capela.

Marcadores dos golos do Fão: Tiago Cubelo, Cenoura e Carioca.

Jogo no campo Artur Sobral em Fão que registou uma enchente de público semelhante à registada quando da visita do Apúlia.

FALECIMENTOS

– No dia 3 de Abril, à saída de Esposende, quando se dirigia para o Porto, sofreu um acidente de automóvel o catedrático da Faculdade de Medicina do Porto, doutor José Vaz Saleiro e Silva que exercia igualmente funções clínicas no Hospital de Fão.

O veículo do malgrado professor chocou de frente com um automóvel que circulava em sentido contrário, mas fora de mão, tentando ultrapassar um carros pesado.

O doutor Saleiro, que aparentemente não apresentava ferimentos, assistiu ao condutor do outro automóvel, entrou ainda em contacto com os bombeiros, mas faleceu alguns minutos depois, vítima de um enfarte do miocárdio.

O seu enterro, na tarde de quarta-feira, constituiu uma impressionante manifestação de pesar.

– Nos fins do mês de Março, faleceu em Fão a nossa conterrânea Olga Dias Cubelo Soares, que era irmã dos já falecidos padres Júlio e Francisco Cubelo.

– Vítima de doença que não perdoa, faleceu em Barcelos Armindo Gomes Martins empregado no restaurante Martins dos Frangos.

– No Hospital de Fão faleceu com avançada idade Maria Rodrigues Vareiro.

– No dia 4 de Março faleceu em Fão Maria Alexandrina Hipólito Miranda, esposa do nosso conterrâneo António Miranda Ferreira (António Lírio).

Aos familiares dos falecidos apresentamos as nossas condolências.

Encontro de Antigos Jocistas

Na Póvoa de Varzim, vai realizar-se no dia 17 de Maio o XXII Encontro das Velhas Guardas Jocistas.

A concentração será na Igreja Matriz. Como habitualmente convidam-se todos os antigos jocistas fangueiros a participarem neste encontro.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 – ☎ (053) 981920

Talho 2 – ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber

SONETO

Quando vou pelo caminho e vejo a violeta
Escondida junto ao muro ou valado
Digo: Deus é bom; o resto é treta
O homem é que não passa dum malvado.

Vêde nos pinhais o musgo verde
Mais fôfo e belo que alcatifa de valor
Mais adiantado olhai bem e Vêde
Lixo espalhado pelo homem, que fedor!...

É ignorante, estúpido é malvado
Só quer o lixo de casa libertar
Não sabe que o mau cheiro exalado,
Os outros e ele o vão respirar!

Olhai os pinheirinhos novos, que beleza
No Natal mãos insensatas vão cortar
São precisos quarenta anos à Natureza
Para numa árvore de porte a transformar.

Cortar árvores, jovens, é gesto infeliz
Contribuir para a desertificação
Defraldas a economia do país
Sabes!? árvores são do mundo o pulmão.

Cortar a jovem árvore não vás,
Porque a teus filhos e netos estás
A dificultar a respiração.

MARIA ROSÁLIA

Ministério dos Negócios Estrangeiros

INFORMAÇÃO

A Delegação de Braga da Direcção-Geral dos assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas, tem vindo a prevenir e denunciar, através da comunicação Social e de outros meios, nomeadamente junto do centro de Formação Profissional, a aceitação de contratos de trabalho fraudulentos no estrangeiro.

Apesar disso, não está ainda erradicada por completo, tal aceitação levando os nosso compatriotas a aceitar sem questionar os contratos que lhe são oferecidos e respondendo a anúncios de jornal que oferecem ordenados e condições de trabalho tentadoras.

Serve de exemplo o anúncio publicado no Jornal de Notícias, de que oferece trabalho na Alemanha a empacotadeiras maiores de 18 anos.

Tem-se vindo a constatar que a referida empresa não tem cumprido as condições contratuais com os trabalhadores.

Neste sentido cabe-me chamar mais uma vez a atenção para que, sempre que se coloque a possibilidade de trabalho no estrangeiro, os nossos compatriotas se dirijam às Instituições que podem averiguar da veracidade ou não das ofertas de trabalho.

Delegação em Braga, da Direcção-geral dos Assuntos consulares e comunidades Portuguesas.

- Instituto e Centros de Emprego.
- Segurança Social.

CANTINHO DE PORTUGUÊS

Muita gente e também muita boa
gente escreve quasi e às vezes quazi.
Não estão correctos estes vocábulos no
modo como os escrevemos atrás.
A forma correcta é quase.

PREDIFÃO

Compra e Venda de Propriedades

Av. Dr. Manoel Paes, 2
Telef./Fax (053) 982730 • 4740 FÃO

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionallsta

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Cima, n.º 5 - 4740 FÃO
0931.451667 / Telef. 02-6000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fangueiro" através dos Correios
será por conta do assinante.

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 - 4700 BRAGA

João Paulo II e Fidel de Castro

Carta de Lisboa de MARIA PINHEIRA



De todos os encontros entre figuras públicas, desde o início do ano, o mais cordial e humano foi, sem dúvida, a viagem do Papa João Paulo II a Cuba e, portanto, o

acolhimento feito por Fidel de Castro. Duas pessoas servindo populações. E cada uma à sua maneira. Fidel foi exemplar no tratamento dado ao Papa. E este, não se pôs com recriminações a um regime ou a outro. Houve motivo de reencontro de famílias que a política dividiu. Um conhece a realidade cubana, outras já foram ultrapassadas pelos dias passados fora.

Fidel apresentou um singular aspecto europeu, despindo a sua farda de guerrilheiro e tentando com isso uma maior abertura. O Papa criticou tudo o que as pessoas de bom-senso criticam e que nos dias de hoje não tem lugar. Há um embargo decidido pelos políticos que só é prejudicial e pouco digno. Com o Papa, já no avião que o levou de regresso a Itália, pudemos dar conta do ar comovido deste dois irmãos que, cada um com sua influência, tentam levar a paz a cada ponto de Cuba. Foi exemplar.

ROMARIA DO CORPO SANTO OU DO SENHOR DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

É uma romaria antiquíssima a do CORPO SANTO, cuja origem se perde na lonjura dos tempos.

Inicialmente esta romaria não devia ser ao Bom Jesus de Fão pois CORPO SANTO, designa S. Telmo (S. Pedro Gonçalves Telmo ou Corpo Santo). Corpo Santo era uma devoção especial dos pescadores marítimos portugueses e galegos. Estes últimos difundiram o culto do santo na costa ocidental até ao mediterrâneo. No século XV passou a ser o principal padroeiro dos marítimos portugueses.

São Telmo nasceu em Fromista, Palência (Espanha) cerca de 1190.

Era sobrinho do Bispo de Palência, que o educou e veio a nomeá-lo cónego e deão da sé de Palência, o que muito o envaideceu.

No dia de Natal, quando ia fazer a sua apresentação solene na Sé, caiu do cavalo, na lama, sendo objecto de risota de muita gente que presenciou a cena. Chocado com o acontecimento resolveu entrar para a Ordem de S. Domingos. Percorreu Leão e Castela a pregar. Acompanhou o Rei S. Fernando na expedição contra os mouros de Córdoba no ano de 1236. Esteve no Convento de Compostela e depois no de Tui. Foi mestre de noviços durante dois anos em Amarante. Fixou-se depois na Galiza, ocupando-se em pregações entre os marítimos e pescadores.

Morreu em Tui em 1246, pouco depois da Páscoa. O seu corpo ficou incorrupto, daí o povo logo o considerar santo - CORPO SANTO.

Em breve começaram a prestar-lhe culto e já em 1258 o Bispo de Tui refere 180 milagres atribuídos ao santo.

O seu culto popularizou-se em especial entre os marítimos e pescadores de Espanha e Portugal.

Em Tui erigiram-lhe uma ermida, com o nome de CORPO SANTO, na casa onde adoeceu e faleceu.

Havia um altar deste santo em Guimarães e fundaram-se confrarias ou irmandades do Corpo Santo ou S. Telmo em Lisboa (quatro). Em várias terras ergueram-lhe capelas (Porto, Lagos, etc.).

Por iniciativa da Igreja de S. Miguel de Alfama (zona de Pescadores de Lisboa) teve início o processo de canonização em 1592. Fizeram o pedido ao arcebispo de Lisboa em nome de Portugal. O Arcebispo enviou a documentação para Roma e autorizou os pescadores a pescarem nos dias santos, para ocorrer às despesas da causa. As câmaras municipais de Bragança, Lisboa e Tui e o Rei Filipe II apoiaram a petição de canonização. O culto geral só foi autorizado pela Santa Sé por decreto de 9 ou 13-XII-1741 (1). Os dominicanos e a diocese de Palência celebram o santo a 14 ou 15 de Abril (1).

Anteriormente o patrono dos marítimos era SANTO ERASMO, mártir do século IV, também chamado SANT-ERAMO, ERMO ou ELMO, daí S. TELMO. Esta devoção passou para Frei Pedro Gonçalves - CORPO SANTO.

Sucede que em Esposende existiu um altar deste santo na Igreja Matriz (29) (3) e também a Confraria do Corpo Santo ou Telmo.

(Continua na pág. 7)

Pague a assinatura

Caro assinante pague a assinatura. Não chega a um terço o número das pessoas que pagam o jornal.

Mostre, caro leitor, que Fão tem capacidade para ter um jornal.

Ao Engenheiro Civil FILIPE TORRES

Teus pais e teus irmãos, Filipe, orgulham-se de ti.

Nunca lhes causaste problemas, conseguiste resistir a todos os malefícios que tantas vítimas tem feito entre os jovens como tu.

Aluno sobredotado, com qualidades humanas que se destacam pela positiva neste mundo cão em que vivemos apenas não soubeste vencer o AMOR!

A "tua" irlandesa, a "tua" CLAIRE, que tanto te apreciava e que regressou ao seu país para salvar o casamento dos seus pais, certamente que hoje, na Irlanda, nem sabe que já não nos pertences, que te foste embora no dia em que chegou a primavera, que deixaste este mundo de materialismo, de "ratoeiras", de "revanchismo", de "saudades balofas e bacocas".

O AMOR DE TUA MÃE não chegou para compensar a falta do "outro" AMOR. Não soubemos compreender-te, FILIPE, e... perdemos-te para todo o sempre, deixaste-nos destruídos, sem força anímica, até que Deus (!) nos junte, certamente, mais cedo que imaginar se possa pois a vida sem ti, meu querido filho, não forma sentido.

Sinto que não estavas preparado para esta luta, onde existem muitas "CLAIRES" mas tu só viste... UMA!

Há tantas, tantas, Filipe!

Há tanta, tanta ingratidão, Filipe!

Tantos, tantos amigos (!) que tinhas... quando precisaram de ti mas que depois de servidos te esqueceram! Eras bom demais para viveres no meio desta "podridão" e, estou certo, no lugar onde te encontras... repousas em paz, sem computadores, sem Internet, sem "cálculos"... sonhando com a "tua" CLAIRE.

Aguardo, com ansiedade, o dia em que nos abraçaremos de novo, a ti, o melhor filho do mundo, o "querido da mamã" essa mulher corajosa que, não tenhas dúvidas, trocaria a vida dela pela tua.

Pela minha parte, Filipe, obrigado por ter tido a sorte de ser teu pai e... até breve.

Pensa nos teus irmãos que cá ficam, sofrendo, e pede a Deus que os proteja das feras que por aqui andam.

Até sempre, meu querido filho!

FRANKLIN TORRE